

Passou a moda da frente

Auc p 11

Villas-Bôas Corrêa

Pelo que parece, o dr Ulysses Guimarães despertou sobressaltado as suas múltiplas presidências, assim como quem ácorda no susto, esbugalhou as butucas para as suas acumulações e chocou-se com a descoberta de que partido, quando dá mau passo, pode afligir um coração sensível e responsável, dói como "desgosto de filha que tanto engorda quanto mata".

De repente, a provar que uma desgraça nunca vem só, o dr Ulysses procurou o seu partido na Constituinte e não encontrou nem o PMDB nem a Constituinte. Ao final de 10 meses desperdiçados em brigas, desavenças, equívocos, trapaças, rasteiras da minoria, arrogância da maioria, a Constituinte está atrás da linha de partida. Para ela seria melhor começar agora, zerando o placar, do que a correção atabalhoada do anteprojeto da Comissão de Sistematização por um roteiro de recuos e revisões que negarão avanços sociais prometidos, a poda ou rejeição de reivindicações populares que já pareciam favas contadas e, para mal dos pecados, uma provável marcha à ré nas diretas 88, para empurrá-las para 89, com cinco anos para o presidente José Sarney.

Muitas são as explicações e justificativas, para os desencontros e retificações de linha da Constituinte. O que não há como negar é que o espetáculo, para o respeitável público, é melancólico, desmoralizante, vergonhoso. Não se perdoariam lideranças que, por fraqueza, manha ou omissão, permitissem que a Constituinte entrasse em férias sem conseguir definir a revisão das suas normas de funcionamento. A meia-sola não salva a face mas é sempre melhor do que o impasse.

Pois é esta a Constituinte do dr Ulysses e do seu partido majoritário, o felizardo, que fez sozinho os 13 pontos da loteria fajuta do cruzado, o único efetivo beneficiário de um logro nacional.

Onde anda o PMDB? O dr Ulysses não deve ter reconhecido o seu partido da

transição, das mudanças, da virada nos resultados das urnas de Vila Velha, o segundo município do Espírito Santo, tradicional reduto fechado, um curral da legenda. Pois ali o PMDB foi punido implacavelmente no voto, perdendo a eleição para prefeito para o candidato do PT, Magno da Silva Pires. E foi ainda derrotado pelo voto no mosquito, o voto de protesto, do eleitor indignado e desiludido, indo à torra das descumpridas promessas eleitorais de saneamento.

No governo, o PMDB do dr Ulysses também balança na corda bamba. A qualquer momento, o ministro Bresser Pereira pode bater em retirada com o seu sorriso tímido, deixando o PMDB numa de horror. Se o partido não participar da escolha do ministro da Fazenda, estará virtualmente despedido do governo. Mas, continuar significa assumir responsabilidades, correr riscos de decidir, enfrentar um desafio que paira, como uma nuvem negra de ameaça, sobre a transição.

O dr Ulysses andou, até a última hora, a catar o PMDB para atamancar uma saída qualquer para a Constituinte empacada. Mas, cadê o PMDB? Pois o partido não foi liberado de todos os compromissos, não está em férias, no desfrute de interminável licença-prêmio? Se o PMDB não se especializasse no escapismo, na desconversa, a Constituinte estaria em outra. O que está faltando é exatamente a liderança do partido majoritário, bancando soluções, sustentando um anteprojeto como uma pauta de negociação, comandando articulações.

Antes de aterrissar no reconhecimento de que erros, matreirices desmancharam a legenda, o dr Ulysses tentou o lance da advertência, solene e grave como uma ameaça. Foi agourento, lúgubre no puxão de orelha aos que, às escâncaras, proclamam o seu desapareço pela legenda e anunciam o propósito de tentar a formação de partidos menores mas com maior consistência e seriedade. Pois, desta vez, ninguém deu ouvido ao dr Ulysses. Ele falou para o recesso.

Ora, talvez seja a hora de enfrentar a realidade, começando por buscar entendê-la. O PMDB foi o grande partido do monopólio da oposição ao ciclo militar. O consenso que se forjou nas ruas desagou no partido como a sua legenda legítima. Ninguém mais encontrou espaço para armar barricadas alternativas no latifúndio oposicionista. O PMDB era o grande proprietário, o dono único da oposição consensual. Assim chegou, depois de alguns trancos, às urnas de 15 de novembro de 86, quando oficializou a exclusividade, alcançando vitória nunca vista.

Deu a impressão de que era uma etapa do percurso e que só terminaria no fecho da transição. Talvez o PMDB pudesse firmar-se no terreno ocupado, edificando um partido coerente.

O que não dava mais era para continuar com o modelo provisório de frente. Pois, daí em diante, a rota virara de rumo, indicava o oposto. A opinião pública despedia-se do consenso para reclamar a nitidez de posições firmes e claras. O país mudara, dera gigantescos passos. E o PMDB, que guiara o país ou fora por ele conduzido, não se apercebeu de que não podia mais enganar a todos ou servir a todos ao mesmo tempo. Ser centro e esquerda, bater uma martelada no cravo e, no repique, a seguinte na ferradura.

A hora era outra. Não mais do contraponto entre governo e oposição. Mas, a partir da Constituinte, o racha ideológico entre a esquerda e o centro. Com um pé em cada lado, o PMDB rasgou as pregas.

É certo que o PMDB não vai acabar. Ele é ainda a grande, a única legenda nacional. Precisa, porém, enfrentar a verdade. Curvar-se à evidência de que a moda da frente já era. O PMDB não acabou. O que acabou foi o PMDB em cima do muro, indefinido, lá e cá ao mesmo tempo, nem carne nem peixe, pau para toda a obra, o partido de Tancredo Neves e do governador Miguel Arraes. Acabou o PMDB — frente. Acabou o PMDB do dr Ulysses.